

UM OLHAR SOBRE A VACINAÇÃO INFANTIL: VACINAR OU NÃO VACINAR

A LOOK AT CHILDHOOD VACCINATION: VACCINATE OR NOT VACCINATE

¹MANGERONA, R.F.; ¹SOUSA, E.I.;²KAWAUCHI, M.Y

^{1e2}Curso de Enfermagem – Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos (Unifio)

RESUMO

Embora, o Programa Nacional de Imunizações (PIN), criado em 1973, tenha gerado um grande avanço no controle de doenças imunologicamente preveníveis, atingindo uma cobertura vacinal em torno de 95%, diminuindo a morbimortalidade e aumentando a expectativa de vida e colocando o Brasil entre os países com as melhores taxas do mundo, desde 2016 a cobertura vacinal vem sofrendo uma queda gradativa, principalmente em relação à vacinação infantil. Este cenário propiciou a reintrodução de doenças que haviam sido erradicadas, como o sarampo por exemplo. Somado a esta questão, em 2020, foi decretado pela Organização Mundial da Saúde, a pandemia do Covid-19, cuja existência reacendeu o contexto da vacinação em seus diversos aspectos. Sem dúvida nenhuma, a vacinação foi e é uma das políticas públicas bem mais sucedidas, depois do saneamento básico. Neste contexto, esta pesquisa visou entender os motivos que poderiam estar relacionados a não vacinação das crianças. Por meio de um questionário, disponibilizado na internet, foi possível verificar que os entrevistados demonstraram uma “cultura” positiva em relação à vacinação, mas, que muitos aspectos deste procedimento ainda permaneceram incertos. Esta incerteza poderia estar relacionada a esta mudança gradativa de comportamento, indicando a importância de ações que visem a sua redução.

Palavras-chave: Vacinação Infantil; Anti-Vacinas; Queda da Vacinação; Imunização.

ABSTRACT

Although the National Immunization Program (PIN), created in 1973, has generated a great advance in the control of immune preventable diseases, reaching a vaccination coverage of around 95%, decreasing morbidity and mortality and increasing life expectancy and placing Brazil among the countries with the best rates in the world, since 2016 vaccination coverage has been suffering a gradual drop, especially in relation to childhood vaccination. This scenario promoted to the reintroduction of diseases that had been eradicated, such as measles, for example. Added to this issue, in 2020, the World Health Organization declared the Covid-19 pandemic, whose existence rekindled the context of vaccination in its various aspects. Without a doubt, vaccination was and is one of the most successful public policies after basic sanitation. In this context, this research aimed to understand the reasons that could be related to non-vaccination of children. Through a questionnaire, available on the Internet, it was possible to verify that the interviewees demonstrated a positive "culture" in relation to vaccination, but that many aspects of this procedure still remained uncertain. This uncertainty could be related to this gradual change in behavior, indicating the importance of actions aimed at reducing it.

Keywords: Infant Vaccination. Anti Vaccines; Fall of Vaccination; Immunization.

INTRODUÇÃO

A prática da vacinação tem sido considerada uma das maiores conquistas da humanidade e uma das políticas de saúde pública mais efetivas utilizada na prevenção e controle de doenças, sendo uma intervenção de grande impacto na diminuição da morbimortalidade e no aumento da expectativa de vida da população,

superando a descoberta dos antibióticos e ficando para trás apenas para o saneamento básico. (COUTO; BARBIERI, 2015; LESSA; SCHERAMM, 2015).

No Brasil, o Programa Nacional de Imunizações (PNI), criado em 1973, gerou um aumento positivo desde que foi criado, no controle de várias doenças imunopreveníveis levando a um impacto econômico e social no país, fazendo com que a nova geração não sofresse com doenças como a poliomielite, o tétano neonatal, a difteria e outras (TEIXEIRA *et al.*, 2019; COUTO; BARBIERI, 2015).

Desde a década de 1990, as coberturas vacinais atingiam cerca de 95% da população. Porém, essas taxas de imunização atingiram em 2017 os níveis mais baixos em todos esses anos. Em consequência dessa queda, o vírus do sarampo que havia sido eliminado do Brasil em 2016, voltou através da Venezuela deixando cerca de 822 pessoas doentes, sendo 272 casos em Roraima, 519 no Amazonas, 14 no Rio de Janeiro, 13 no Rio Grande do Sul, 2 no Pará, 1 em São Paulo e 1 em Rondônia, gerando um total de 5 mortes (SATO, 2018; ZORZETTO, 2018).

Uma das maiores dificuldades atualmente, consiste em manter alta as taxas de cobertura de vacinação infantil no país. Entre os motivos listados, de acordo com o Ministério da Saúde (MS), destacam-se a falta de conhecimento da população, que acredita que não é preciso vacinar, porque as doenças já desapareceram do país; o desconhecimento de quais imunizantes são utilizados no calendário nacional de vacinação; o medo das reações prejudiciais ao organismo causadas pela vacina; o receio de que o número elevado de vacinas prejudique o sistema imunológico e o horário de funcionamento das unidades de saúde (ZORZETTO, 2018).

Além disso, outros motivos poderiam estar relacionados a essa queda, como os movimentos antivacinação, cujo crescimento encontra-se numa curva ascendente, sendo fortalecidos pelo aumento de informações de saúde incorretas disponibilizadas via internet ("*fakes news*"). As informações equivocadas, espalhadas rapidamente por aplicativos, conduzem a comportamentos de risco da população, gerando o uso de medicamentos e vacinas sem indicação de um especialista ou a recusa de participar de medidas preventivas realizadas pelo sistema de saúde (HENRIQUES, 2018).

No mês de fevereiro de 2020, foi declarada pelo Ministério da Saúde (MS) emergência em saúde pública de importância nacional por conta da infecção humana pelo novo coronavírus, por meio da Portaria nº 188, e desde então a rotina da população mudou drasticamente por conta das medidas de proteção contra a

COVID-19, ocasionando uma queda na procura por serviços assistenciais e consequentemente a diminuição dos índices de vacinação. No Reino Unido, a busca por atendimentos de emergência pediátrica caiu 90% e 60% dos pais relataram que cogitaram cancelar ou postergar as imunizações de seus filhos. Estudos brasileiros identificaram, na área de oncologia, queda de 45% no número de consultas, e na área da cardiologia houve diminuição de 90% no total de consultas em ambulatório e de 45% na busca de prontos-socorros cardiológicos (PROCIANOY *et al.* 2022).

Nestes tempos conturbados e novos, a vacinação infantil não pode ser deixada de lado. Ainda não foram estabelecidos os reais motivos da queda da vacinação, e diante desta nova realidade, este projeto de pesquisa tem como objetivo buscar informações sobre os fatores que levaram as pessoas a deixarem de vacinar as crianças até 5 anos de idade, através de um inquérito via internet, para que esses resultados sirvam para a elaboração de projetos públicos ou que visem a reversão desta situação.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização deste estudo, foi realizado um questionário com o objetivo de entender melhor a percepção das pessoas com relação à questão da vacinação. Num primeiro momento, foi abordado o universo total do Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos (Unifio), considerando docentes, discentes e colaboradores. E num segundo momento, eles foram convidados a encaminhar o questionário para a sua rede de contatos, e assim sucessivamente durante um período de 2 meses, de maio a junho de 2022, abrindo assim o leque de participações. Neste questionário, foram abordadas questões relativas à importância da vacinação para saúde das crianças e à percepção dos participantes em relação ao funcionamento ou não dessas vacinas. Para cada questão, havia a possibilidade de responder de acordo com uma escala likert de concordância (Quadro 1).

Quadro 1. Relação de afirmativas e critérios de concordância

	Discordo Fortemente	Discordo	Nem Concordo / Nem discordo	Concordo	Concordo Fortemente
As vacinas são importantes para a saúde das crianças.	-	-	-	-	-
As vacinas funcionam.	-	-	-	-	-
Vacinar uma criança é importante para a saúde de outras crianças do bairro.	-	-	-	-	-
Todas as vacinas infantis que são fornecidas pelo governo são benéficas.	-	-	-	-	-
As vacinas novas apresentam mais riscos do que as antigas.	-	-	-	-	-
Eu confio na informação que eu recebi do Programa de Imunização sobre vacinas.	-	-	-	-	-
Vacinar é uma boa forma de proteger a criança de doenças.	-	-	-	-	-
Geralmente, eu sigo as orientações sobre vacinação que os profissionais da saúde recomendam.	-	-	-	-	-
Eu me preocupo com as reações graves das vacinas.	-	-	-	-	-
Não é necessária mais vacina para as doenças que não são mais comuns atualmente.	-	-	-	-	-
Sempre eu procuro na internet antes de vacinar.	-	-	-	-	-
Eu escolho as vacinas para tomar.	-	-	-	-	-

Fonte: SATO, 2018

Este projeto sofreu apreciação do Comitê de Ética de Pesquisa em Seres Humanos e foi devidamente aprovado na Plataforma Brasil (Parecer 3.269.712).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período estipulado em que o questionário ficou disponível para acesso, apenas 88 pessoas concordaram em participar. Dentre os 88 participantes, 52 participantes (59,1%) estavam na faixa etária entre 15 e 24 anos; 26 (29,5%) entre 25 e 44 anos; 8 (9,1%) entre 45 e 59, 2 participantes (2,3%) entre 60 e 90 anos e nenhum participante acima de 90 anos de idade. Esta proporcionalidade entre as faixas etárias já era esperada, visto que a maior parte da comunidade do Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos (Unifio) compõe-se de jovens estudantes e que utiliza de forma corriqueira as mídias sociais. Contudo, o total de participações ficou aquém do esperado, talvez pela falta de interesse e/ou pela falta de tempo das pessoas, que se veem diariamente bombardeadas por pesquisas de

opiniões e pesquisas científicas via internet, associado ao período em que o questionário ficou disponível e que correspondeu ao período de férias da faculdade no mês de junho.

Avaliando a participação entre os sexos feminino e masculino, obteve-se 72 (81,8%) pessoas do sexo feminino e 16 (18,2%) do sexo masculino. Este resultado, também já era esperado visto que a maior parte da *Unifio* compõe-se de pessoas do sexo feminino.

Em relação à escolaridade, os dados apresentaram 41 participantes (46,6%) com ensino superior incompleto, 18 participantes (20,5%) com ensino superior completo, 14 participantes (15,9%) com ensino médio completo, 13 (14,8%) com pós-graduação, 1 participante (1,1%) com fundamental incompleto, 1 participante (1,1%) com ensino médio incompleto e nenhum participante apresentou apenas o ensino fundamental completo.

Em cada afirmativa do questionário, os participantes poderiam responder entre cinco situações: discordo fortemente, discordo, nem concordo/nem discordo, concordo e concordo fortemente.

Na primeira afirmativa (“As vacinas são importantes para a saúde das crianças”), 68 participantes (77,3%), consideraram as vacinas extremamente importantes para a saúde das crianças. Dezenove participantes (21,6%), apenas concordaram com a afirmativa e apenas 1 participante (1,1%) afirmou discordar fortemente desta afirmativa.

Na segunda afirmativa (“As vacinas funcionam”), observou-se uma queda na porcentagem anteriormente descrita, apresentando 61 participantes que concordaram fortemente no funcionamento das vacinas (69,3%). Por outro lado, houve um aumento na porcentagem (28,4%) daqueles que “concordaram” apenas com 25 pessoas, 1 participante (1,1%) não concordou/nem discordou com a afirmação, sugerindo talvez uma certa dúvida nesse aspecto e 1 participante (1,1%) afirmou discordar fortemente da afirmação. Estes resultados poderiam ser indicativos de que as pessoas, embora acreditassem nos benefícios, ainda apresentavam dúvidas quanto à efetividade das vacinas, mesmo nos participantes que sempre se vacinaram e que sempre mantiveram a carteira de vacinação em dia. Isso poderia estar relacionado a uma cultura de vacinação introduzida na sociedade brasileira a muito tempo, onde as pessoas eram ensinadas desde pequenas a necessidade da vacinação sem, contudo, entender seu mecanismo de atuação.

Na terceira afirmativa (“Vacinar uma criança é importante para a saúde de outras crianças do bairro”), 52 participantes (59,1%) concordaram fortemente, 35 participantes (39,88%) apenas concordaram, 1 (1,1%) não concordou/nem discordou, e nenhum participante discordou ou discordou fortemente. Apesar de mais da metade dos participantes acreditarem fortemente nessa afirmativa (59,1%), considerou-se preocupante a quantidade de pessoas que apenas concordaram (39,88%) e nem concordaram/nem discordaram (1,1%), pois quem não se vacina não coloca apenas a própria saúde em risco, mas também a saúde de quem está ao seu redor podendo aumentar a circulação de doenças (LESSA; SCHERAMM, 2015; IRIART, 2017).

Na quarta afirmativa (“Todas as vacinas infantis que são fornecidas pelo governo são benéficas”), pouco mais da metade dos participantes, cerca de 46 pessoas (52,3%) concordaram fortemente. Trinta e quatro participantes (38,6%) apenas concordaram com a afirmativa, 7 pessoas (8%) não concordaram/nem discordaram e apenas 1 participante (1,1%) discordou.

Na quinta afirmativa (“As vacinas novas apresentam mais riscos do que as antigas”), 40 participantes (45,5%) discordaram da afirmativa, 24 (27,3%) nem concordaram/nem discordaram, 21 (23,9%) discordaram fortemente e 3 participantes (3,4%) concordaram que as vacinas atuais apresentam mais riscos do que as antigas. Avaliando os dados dessa afirmativa, observou-se que 27,3% dos participantes não apresentaram uma posição com relação a esta afirmativa, demonstrando imparcialidade e/ou talvez a falta de informação sobre a produção das vacinas nos dias de hoje. Contudo, a área da saúde avançou muito nos últimos anos, melhorando a qualidade das formulações e fazendo testes cada vez mais rigorosos.

Na sexta afirmativa (“Eu confio na informação que eu recebi do Programa de Imunização sobre vacinas”), apenas 30 participantes (34,1%) concordaram fortemente, 49 participantes concordaram (55%), 7 pessoas não concordaram/nem discordaram (8%), duas pessoas discordaram e nenhuma discordou fortemente. A queda no número de pessoas que “concordaram fortemente”, possivelmente poderia estar relacionada com a afirmativa 4, que trouxe a questão das vacinas fornecidas pelo Sistema Único de Saúde. Não se pode deixar de considerar, também que hoje a internet ocupa um grande espaço no dia a dia das pessoas, facilitando a obtenção

de informações nem sempre verdadeiras (fake news) (SANCHES; CAVALCANTI, 2018).

Na sétima afirmativa (“Vacinar é uma boa forma de proteger a criança de doenças”), 58 participantes (65,9%) assinalaram que concordavam fortemente, 29 pessoas (33%) concordaram e apenas um participante não concordou/nem discordou. Nessa afirmativa foi possível observar que a maioria das pessoas ainda acredita na importância da vacinação para a proteção da saúde das crianças.

Na oitava afirmativa (“Geralmente, eu sigo as orientações sobre vacinação que os profissionais de saúde recomendam”), 48 participantes (54,5%) concordaram fortemente com a afirmativa, 35 participantes (39,8%) apenas concordaram, 5 participantes (5,7%) não concordaram/nem discordaram e nenhum discordou ou discordou fortemente. Essa afirmativa mostrou uma grande adesão do público em relação as orientações dos profissionais de saúde, apesar de uma pequena parcela (5,7%) não ter uma opinião formada a respeito da afirmativa.

Na nona afirmativa (“Eu me preocupo com as reações graves das vacinas”), 11 pessoas (12,5%) concordaram fortemente, 43 pessoas (48,9%) apenas concordaram, 26 pessoas (29,5%) não concordaram/nem discordaram, 7 pessoas (8%) discordaram e apenas uma (1,1%) discordou fortemente. Essa afirmativa mostrou que mais da metade dos participantes se preocuparam com os efeitos adversos das vacinas enquanto uma pequena parcela não se preocupou com essa questão. Isso pode ter relação com a grande quantidade de notícias sobre reações das vacinas, principalmente durante a pandemia do Covid-19, mesmo sendo muitas delas notícias falsas. Vale ressaltar que nenhuma vacina está livre de provocar eventos adversos, porém os riscos de complicações causadas pelas vacinas são muito menores do que os riscos das doenças as quais elas protegem. É necessário um grande cuidado ao contraindicar vacinas em virtude de eventos adversos, pois pessoas não imunizadas podem oferecer um risco a elas mesmos e a comunidade, gerando um elo na cadeia de transmissão. Contudo, o Brasil tem sido pioneiro na investigação de eventos adversos pós-vacinação. O PNI tem realizado um trabalho intenso no sentido de investigar e elucidar todos os casos de eventos adversos, oferecendo esclarecimentos à população e mantendo a credibilidade do programa (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014).

Na décima afirmativa (“Não é necessária mais vacina para as doenças que não são comuns atualmente”), mostrou que 3 pessoas (3,4%) apenas concordaram

com a afirmativa, 7 (8%) não concordaram/nem discordaram, 43 participantes discordaram (48,9%) e 35 participantes (39,8%) discordaram fortemente. Os dados demonstraram que a maior parte dos participantes acreditaram na necessidade das vacinas de doenças já erradicadas, mas esta afirmativa não pareceu estar firmemente enraizada culturalmente, pois apenas 39,8% discordaram fortemente e os demais 60,2% não pontuaram de forma tão objetiva. Além disso, muitas doenças erradicadas no Brasil não foram erradicadas em outros países, e o fluxo de viajantes e turistas poderiam trazer de volta estas doenças através das pessoas que não foram imunizadas.

Na décima primeira afirmativa (“Sempre procuro na internet antes de vacinar”), 3 participantes (3,4%) concordaram fortemente, 16 participantes (18,2%) apenas concordaram, 23 pessoas (26,1%) não concordaram/nem discordaram, 32 pessoas (36,4%) discordaram da afirmativa e 14 (15,9%) discordaram fortemente. Em plena era digital, foi possível observar que um pouco mais da metade dos participantes não possuíam o hábito de pesquisar sobre as vacinas na internet antes de vacinar, considerando desta forma, o ato de vacinar como um fato rotineiro. Vale ressaltar o perigo das mídias sociais em relação as fakes news, que muitas vezes apresentam notícias falsas afetando a confiabilidade das pessoas nas vacinas. É sempre importante buscar fontes seguras para se informar sobre a vacinação.

Na décima segunda afirmativa (“Eu escolho as vacinas para tomar”), mostrou um participante (1,1%) que concordou fortemente e 7 pessoas (8%) que concordaram, indicando serem seletivas para as vacinas, escolhendo para tomar apenas aquelas em que acreditavam na funcionabilidade, 8 pessoas (9,1%) não concordaram/nem discordaram, 43 participantes (48,9%) discordaram e 29 participantes (33%) discordaram fortemente. Essa afirmativa enfatizou a “cultura” de vacinação em que as pessoas acreditavam que o “calendário das vacinas” representava o que deveria ser realizado.

CONCLUSÕES

Com base nos dados observados nesta pesquisa e considerando que a maior parte dos participantes provavelmente, ainda não tenha vivenciado a maternidade ou a paternidade, notou-se que a maioria acredita na importância da vacinação e apresentaram respostas coerentes em relação a este procedimento. Entretanto, chamou a atenção, uma taxa relativamente grande de participantes que apenas

concordaram, nem concordaram/nem discordaram, discordaram e discordaram fortemente das afirmativas. Esses dados poderiam indicar, no geral, a existência de uma “cultura” positiva com relação à vacinação, mas ainda, um desconhecimento do seu funcionamento no organismo humano que poderia a curto prazo representar um posicionamento incerto e uma mudança de conduta. Essa incerteza pela falta de informações ou talvez pelo excesso de informações poderia estar associada diretamente a queda da vacinação, gerando um comprometimento da saúde pública e sugerindo a necessidade de mais ações educativas. Contudo, ressaltamos e sugerimos que outros estudos sejam realizados em grupos amostrais de pais de crianças nesta faixa etária.

REFERÊNCIAS

COUTO, M.T.; BARBIERI, C.L.A. Cuidar e (não) vacinar no contexto de famílias de alta renda e escolaridade em São Paulo, SP, Brasil. **Ciênc. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 105-114, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014201.21952013>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Febre Amarela: Perguntas e Respostas**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/existe-alguma-conspiracao-do-governo-para-pessoas-se-vacinarem-e-verdade-que-o-governo>. Acesso em: 25 agosto de 2022.

HENRIQUES, C.M.P. A dupla epidemia: febre amarela e desinformação. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 9-13, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.29397/reciis.v12i1.1513>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2022.

IRIART, J.A.B. Autonomia individual vs. proteção coletiva: a não-vacinação infantil entre camadas de maior renda/escolaridade como desafio para a saúde pública. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro. v. 33. n. 2, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00012717>>. Acesso em 15 de março de 2022.

LESSA, S.C.; SCHRAMM, F.R. Proteção individual versus proteção coletiva: análise bioética do programa nacional de vacinação infantil em massa. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, pp. 115-124, 2015. Disponível em: <https://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/protecao-individual-versus-protecao-coletiva-analise-bioetica-do-programa-nacional-de-vacinacao-infantil-em-massa/14937?id=14937&id=14937>. Acesso em: 22 fevereiro de 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Manual de Vigilância Epidemiológica de Eventos Adversos Pós- Vacinação**. 3. ed. Brasília - DF, 2014. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_vigilancia_epidemiologica_eventos_adversos_pos_vacinacao.pdf. Acesso em: 15 de agosto de 2022.

PROCIANOY, G.S. *et al.* Impacto da pandemia do COVID-19 na vacinação de crianças de até um ano de idade: um estudo ecológico. **Ciência & Saúde Coletiva**,

Rio de Janeiro v. 27, n.3, p. 969-978, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232022273.20082021>>. Acesso em 15 de agosto de 2022.

SANCHES, S.H.D.F.N; CAVALCANTI, A.E.L.W. Direito à saúde na sociedade da informação: a questão das fake news e seus impactos na vacinação. **Revista Jurídica**. Curitiba. vol. 04. n. 53. pp. 448-466, 2018. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/3227>>. Acesso em: 25 de agosto de 2022.

SATO, A.P.S. Qual a importância da hesitação vacinal na queda das coberturas vacinais no Brasil? **Rev Saude Pública**. São Paulo, v.52, p. 52-96, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2018052001199>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2022.

TEIXEIRA, V.B. *et al.* Os desafios do profissional da enfermagem para uma cobertura vacinal eficaz. **Revista Nursing**. São Paulo, v.22, n.251, pp. 2862-2867, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.36489/nursing.2019v22i251p2862-2867>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2022.

ZORZETTO, R. As razões da queda na vacinação. **Rev Pesquisa FAPESP**, v.270, pp. 19-24, 2018. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/as-razoes-da-queda-na-vacinacao/>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2022.